



## A língua espanhola e a linguística aplicada no Brasil

Marcia Paraquett<sup>1</sup>

**Resumo:**

A Linguística Aplicada (LA), como a entendo, é uma disciplina que convive de forma fronteiriça com outras disciplinas apropriadas a pesquisas na grande área de Estudos Linguísticos. Partindo desse pressuposto, este artigo apresentará o percurso pelo qual passou a LA no Brasil, mostrando-a como disciplina interdisciplinar e tentando compreender a ausência de pesquisadores de nossa área específica (Espanhol). Procuro explicar essa ausência a partir de aspectos políticos que caracterizam as áreas de produção científica em Estudos de Linguagem em nosso país e apresento um pequeno levantamento de pesquisas realizadas em nossa área específica, para tentar associá-las ao que propõe a LA interdisciplinar.

**Palavras-chave:** Espanhol, Linguística Aplicada, ensino e pesquisa.

**Abstract:** Applied Linguistics, as I understand it, is a discipline which stands within limits of other disciplines related to research in the larger area of Linguistic Studies. Starting from this idea, the article will present the path Applied Linguistics in Brazil has gone through, depicting it as an interdisciplinary discipline and trying to comprehend the absence of researchers in our specific area (Spanish language). I also seek to explain this absence based on political aspects which characterize the areas of scientific production in Language Studies in our country. Finally, I present an overview of researches conducted in our specific area in order to associate them with the interdisciplinary Applied Linguistics.

**Keywords:** Spanish, Applied Linguistics, teaching and research.

Conforme apontei em artigo, publicado no *Caderno de Letras da UFF*, (PARAQUETT 2009b), há pouquíssimos pesquisadores da área de espanhol, que

---

1 UFBA.

participam de eventos ou publicam artigos em coletâneas que se dedicam à Linguística Aplicada (LA). Na ocasião fiz um levantamento dos artigos publicados na Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA), por entender que uma revista que é subsidiada pela Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), poderia ajudar-me a verificar a frequência e a proporcionalidade de artigos sobre as diversas línguas que se estudam no Brasil. E o que verifiquei foi surpreendente: dos 130 artigos publicados nos 14 números até 2008, apenas 3 foram dedicados ao espanhol (ELE), correspondendo a 2,3%, contra 60% para o inglês (ILE) e 46,2% para português (PLE), sempre como línguas estrangeiras. Os números mais atuais, 2009 e 2010, estão caracterizados pela pulverização de temas, sem que haja uma preocupação com línguas estrangeiras, o que, no meu ponto de vista, confirma amadurecimento da publicação.

Além da pequena contribuição nos artigos, há apenas dois hispanistas que participam do conselho editorial da RBLA, o que pode levar-nos a pensar que não temos prestígio nesta área. Para tentar entender essa ausência, trago uma discussão do que se entende por LA no Brasil.

### 1. A LA no Brasil

Francisco Gomes de Matos publicou dois artigos que historicam a LA a partir de seu aparecimento em nosso país. São eles: *Dez anos de Linguística Aplicada no Brasil*, em 1976, e *Mais dez anos de Linguística Aplicada no Brasil*, em 1986. O autor tomou como referência a Universidade Católica de São Paulo, que desde 1970 desenvolve pesquisas na área, embora naquele momento a LA fosse entendida como aplicação de teoria linguística ao ensino de línguas. Em 1991, José Carlos Paes de Almeida Filho publicou um artigo que questiona a compreensão de Gomes de Matos, afirmando que, segundo seus critérios, em 1990, a LA teria completado 25 anos de vida em nosso país. Mas como os dois autores compreendem a LA de maneira diferenciada, para Almeida Filho, ela começa apenas em 1978, o que lhe conferiria apenas 12 anos de existência em nosso país.

Percebe-se, então, que em 1990 já se questionava o que era a LA, compreendida de duas maneiras diferentes: seu objetivo seria “a aplicação de princípios, técnicas e resultados das investigações teóricas sobre as línguas para a solução de problemas educacionais e socioculturais”? Ou deveria ser entendida como “ciência aplicada (interdisciplinar, em muitos casos), cujo objeto é o problema real de uso de linguagem colocado na prática dentro ou fora do contexto escolar”? Para Almeida Filho, “a LA no sentido de ciência aplicada autoconsciente, preocupada em encaminhar soluções sistemáticas para questões reais de uso de linguagem, tem uma história bem mais recente no Brasil” (ALMEIDA FILHO 1991: 7).

Em 2001, em outro artigo, o autor argumenta que a LA teria iniciado em 1978, com a realização de um congresso na Universidade Federal de Santa Catarina, organizado por Carmen Rosa Caldas Coulthard, que acabara de concluir seu doutorado na Inglaterra. A principal conferência daquele congresso, proferida por um dos autores da primeira série didática funcional a ser introduzida no Brasil (Brian Abbs), confirma que a ideia era importar o que se produzia na Inglaterra sobre as funções comunicativas para a aprendizagem de inglês.

Outro dado bastante interessante, ocorrido no mesmo ano do congresso (1978), é a publicação do livro de Henry Widdowson, traduzido anos mais tarde por Almeida Filho, com o título *O ensino de línguas para a comunicação*. Não fica difícil concluir que há uma estreita relação entre o início da LA no Brasil, o Comunicativismo e o ensino de ILE. Em palavras de Almeida Filho (2001: 16), “essa abordagem (comunicativa) que se opunha à gramatical ou formalista seria reconhecida como um verdadeiro paradigma alternativo (...) para o ensino das línguas nas escolas”.

Talvez isso já explique a ausência de pesquisadores da área de espanhol, porque o Comunicativismo nos pegou apenas nos anos 1990, já que precisou primeiro assentar-se em terras espanholas para, depois, ser exportado ao Brasil. Afinal, se a Inglaterra alimentou os modelos de aprendizagem para o ensino de ILE no Brasil, era a Espanha que poderia estabelecer essa relação com os professores de espanhol, embora isso viesse a ser bastante discutido e questionado no Brasil. Mas antes de me fechar em conclusões, preciso tentar esclarecer o que é a LA e como está sendo seu percurso no Brasil.

Como vimos, faz muitos anos que se discute se a LA seria uma ciência aplicada ou uma aplicação de ciência linguística. Hoje, entre os linguistas aplicados, não há nenhuma dúvida quanto a seu caráter de ciência aplicada, mas para que chegássemos a esse consenso, foi necessário produzir muita discussão, materializada em diferentes artigos<sup>2</sup>. No entanto, no início dos anos 1990, predominava uma concepção de LA muito associada à aquisição, ensino e apren-

2 Segundo levantamento feito por Denise Maria Guarino De Felice, Lisiani Ferraço de Paula e Maria Luciene de Freitas Gondim, os artigos que colaboraram para a consolidação da LA como ciência são: *A propósito da Lingüística Aplicada*, de Marilda C. Cavalcanti (1986); *Maneiras de compreender a Lingüística Aplicada*, de José Carlos Paes de Almeida Filho (1991); *Afinal, o que é Lingüística Aplicada*, de Maria Antonieta Alba Celani (1992); *Afinal, o que é Lingüística Aplicada*, de Luiz Paulo da Moita Lopes (1996); e *Lingüística Aplicada, aplicação de lingüística e ensino de línguas*, de José Carlos Paes de Almeida Filho (1987). Disponível em: <<http://www.sala.org.br/textos-em-la/a-instalacao-da-la-no-brasil-o-periodo-de-1965-a-2006>>. Acesso em: 28 jun. 2011.

---

dizagem de línguas, sobretudo, estrangeiras, o que levou Almeida Filho, em 1991, a sugerir algumas perguntas que seriam adequadas em pesquisas sobre o uso de linguagem:

- Como se aprende, adquire e ensina o uso das línguas em diferentes situações?
- Quais as manifestações de transferência de língua materna para a língua-alvo?
- Como são feitas e mantidas as relações entre as pessoas através da linguagem?
- Por que nem todos os adultos aprendem uma segunda língua que tentam aprender?

Como vimos anteriormente, Almeida Filho entende a LA como uma ciência que é interdisciplinar, embora não o seja em todos os casos, tendo o seu foco na aprendizagem, na aquisição e no ensino de línguas. Esta perspectiva parece bastante redutora para os dias de hoje, mas é preciso ressaltar que, em 2001, o autor avança em suas perspectivas, discutindo, por exemplo, as diferenças que via entre “metodologia” e “abordagem”. Sua contribuição é bastante significativa, conforme se vê na seguinte afirmação:

a abordagem é mais ampla e abstrata do que a metodologia por se endereçar não só ao método, mas às outras três dimensões de materialidade do ensino, a saber, a do planejamento após a determinação dos objetivos, a dos materiais (que se escolhem ou se produzem) e a do controle do processo mediante avaliações (ALMEIDA FILHO 2001: 19).

E define abordagem “como filosofia ou concepções integradas de ensinar e aprender línguas para compreender e analisar o processo (interpretando aulas, avaliando materiais, investigando aprendizes em seus esforços de aprender, etc.)” (ALMEIDA FILHO 2001: 22). Apesar de manter-se preso à aprendizagem de línguas, Almeida Filho a vê numa perspectiva ampla, levando-nos a compreender a abordagem como uma ação integrada, ou global, que inclui desde o planejamento até a avaliação da aprendizagem.

Um pouco antes, em 1996, Luiz Paulo da Moita Lopes publicou *Oficina de Lingüística Aplicada*, entendendo a LA

como uma área de investigação aplicada, mediadora, interdisciplinar, centrada na resolução de problemas de uso da linguagem, que tem um foco na linguagem de natureza processual, que colabora com o avanço do conhecimento teórico, e que utiliza métodos de investigação de natureza positivista e interpretativista (MOITA LOPES 1996: 23).

No entanto, ao justificar a natureza aplicada às Ciências Sociais, o autor cita como um exemplo de pesquisa que estaria tratando de problemas de uso da linguagem, a “dificuldade de compreensão oral de filmes por usuários-aprendizes de inglês como língua estrangeira” (1996: 20). Note-se, portanto, que para Moita Lopes, a LA ainda estava muito relacionada ao ILE.

É também curioso perceber que o autor destaca o aspecto mediador e interdisciplinar da LA, sugerindo que no percurso de uma investigação, sua tarefa seria “mediar entre o conhecimento teórico advindo de várias disciplinas” (1996: 21). E cita como exemplos, a psicologia, a educação e a linguística. Mais curioso, no entanto, é que Moita Lopes ressalta os valores de pesquisas de cunho positivista, embora chamasse a atenção para o crescimento de pesquisas interpretativistas por serem mais adequadas à natureza subjetiva do objetivo das Ciências Sociais. E nos explica que a produção de conhecimento deveria dar-se “sob o controle de variáveis específicas que garantiriam a validade interna e externa da investigação, de modo a se poder demonstrar relações de causa e efeito através da aplicação de testes de significância estatística” (1996: 22). Veja-se, portanto, que em 1996, Moita Lopes ainda discute a possibilidade de pesquisas quantitativas e se prende à aprendizagem de uma língua estrangeira: o inglês. Admite o caráter interdisciplinar da LA, mas se limita a três disciplinas afins, esperando que seu papel seja mediar entre o conhecimento teórico advindo dessas disciplinas e o problema de uso da linguagem que se pretende investigar.

Estou chamando a atenção sobre esses fatos, porque em 2006, o mesmo autor publicou outra obra, na qual apresentou um discurso bem mais vanguardista, embora valha ressaltar que na publicação de 1996, já se preocupava com a natureza social e educacional dos processos de ensino-aprendizagem de línguas. Assim como, entendia a LA como uma área de investigação que poderia colaborar para o engajamento e o amadurecimento de professores e alunos de ILE em nosso país, que mantinham uma atitude “exageradamente positiva e de quase adoração” (1996: 37), sobretudo, pela cultura dos Estados Unidos. Refiro-me aos seus célebres artigos *Yes, nós temos banana* e *Paraíba não é Chicago não*.

Nesse mesmo contexto, mais exatamente em 1998, circulou fartamente na área da LA, uma obra na qual se encontrava um artigo de Alastair Pennycook, linguista aplicado canadense e autor de uma proposta que ficou conhecida como

---

Linguística Aplicada Crítica (LAC)<sup>3</sup>. No meu ponto de vista, começávamos uma nova corrente sobre a LA no Brasil, pois o autor chama a atenção para o papel que deveríamos cumprir:

como linguistas aplicados, precisamos não só nos perceber como intelectuais situados em lugares sociais, culturais e históricos bem específicos, mas também precisamos compreender que o conhecimento que produzimos é sempre vinculado a interesses (PENNYCOOK 1998: 46).

Portanto, estaria propondo que as investigações na área da LA deveriam assumir seu caráter social, político e histórico, ideia repetida por outros autores, como Maria Antonieta Celani que, em 2000, publicou um artigo em um livro organizado para homenagear o também conhecido linguista aplicado, Hilário Inácio Bohn, da Universidade Católica de Pelotas. Além de Celani, participaram da coletânea, especialistas bastante conhecidos na LA ou em áreas afins, como Almeida Filho, Moita Lopes, Vilson Leffa, José Luiz Meurer, Desirée Motta-Roth e outros, mas nenhum que se dedicasse ao espanhol, o que era natural, considerando-se as particularidades das pesquisas realizadas pelo homenageado. No entanto, vale esse registro, pois se lê na Introdução que aquele livro “além de ser uma homenagem ao professor, pesquisador, colega e amigo Hilário, é também um retrato da pesquisa em linguística aplicada no Brasil no momento atual” (FORTKAMP e TOMITCH, 2000: 9). Mas nenhum de nós saiu naquela foto.

Os artigos discutiram questões de políticas de ensino, de aquisição de língua materna, de gênero textual e de discurso. Afinal, estávamos exatamente no momento em que vinham a público os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, que passaram a entender que “a aprendizagem de Língua Estrangeira no ensino fundamental (...) amplia as possibilidades de se agir discursivamente no mundo” (BRASIL 1998: 38). E entre os autores que elaboraram o documento, estavam Maria Antonieta Celani e Luiz Paulo da Moita Lopes. Como consultores participaram, entre outros, o próprio Hilário Bohn e Maria Aurora Consuelo Alfaro Lagorio, a única representante da área de espanhol, embora ainda se encontrem os nomes de Maria del Carmen Daher e Vera Lúcia Sant’Anna, que prestaram assessoria para a execução do documento.

---

3 Embora seja australiano, Pennycook participa das discussões sobre LA no Brasil, tendo publicado em duas coletâneas de grande circulação: SIGNORINI e CAVALCANTI (1998) e MOITA LOPES (2006).

Isso explica o tom do texto de Celani (2000), que abre a coletânea em homenagem a Hilário Bohn com um artigo cujo título é: *A Relevância da Linguística Aplicada na Formação de uma Política Educacional Brasileira*. Ela falava, portanto, como uma linguista aplicada que assumia seu papel na interferência das políticas públicas brasileiras. Talvez tenha sido esse o momento mais importante para a LA, pois representou o papel de ser uma disciplina com prestígio e poder na resolução de questões políticas, relativas à educação em nosso país. E, na medida em que assumia seu caráter político, social e histórico, afastava-se de uma postura redutora, que se caracterizara por discussões sobre aprendizagem, aquisição ou ensino, mas vinculados a modelos estrangeiros, sobretudo o Comunicativismo. Celani está tão envolvida, naquele momento, com o que faz, que encerra seu artigo, sugerindo que os resultados das pesquisas em LA “sejam postos a serviço da humanidade”, já que essa é “a vocação desta área fascinante do saber” (CELANI 2000: 32).

Em 2006, surge uma nova obra que vai mexer com a comunidade de pesquisadores da LA. Refiro-me a *Por uma linguística aplicada indisciplinar*, organizada por Luiz Paulo da Moita Lopes, que além da Introdução, escreve um capítulo, onde propõe uma nova agenda para a LA, que consistiria em “renarrar a vida social” (MOITA LOPES 2006: 90). Propõe uma LA, a que chama ‘contemporânea’, e que teria como base: “a imprescindibilidade de uma LA híbrida ou mestiça”; “a LA como uma área que explode a relação entre teoria e prática”; “a necessidade de um outro sujeito para a LA: as vozes do Sul”; e uma LA cujos “novos pilares” sejam “ética e poder” (2006: 96). O autor se desvencilha da preocupação de entender os limites dessa área de investigação e prefere “tentar operar dentro de uma visão de construção de conhecimento que tente compreender a questão de pesquisa na perspectiva de várias áreas do conhecimento, com a finalidade de integrá-las” (2006: 98).

Comparado à obra de 1996, *Oficina de Linguística Aplicada*, em dez anos Moita Lopes radicalizou seu discurso, pois aquela LA, modestamente ‘interdisciplinar’, em 2006 se transforma em ‘indisciplinar’, no sentido da ‘não-disciplina’ ou da ‘antidisciplina’. Essa mesma visão será seguida por Pennycook, autor de um dos artigos mais inquietos da referida obra: *Uma Linguística Aplicada transgressiva*. O linguista aplicado canadense retoma a discussão sobre a LAC, de 1998, reafirmando que a vê “como uma abordagem mutável e dinâmica para as questões da linguagem em contextos múltiplos, em vez de como um método, uma série de técnicas, ou um corpo fixo de conhecimento”. Ressalta que em lugar de vê-la “como uma nova forma de conhecimento interdisciplinar”, prefere “compreendê-la como uma forma de antidisciplina ou conhecimento transgressivo, como um modo de pensar e fazer sempre problematizador” (PENNYCOOK 2006: 67).

Esse artigo é bastante revelador dos conflitos teóricos que havia entre as duas diferentes correntes, pois Pennycook retoma as acusações que recebeu

de dois linguistas aplicados, conhecidos no cenário internacional, Davies e Widdowson. O primeiro teria afirmado que “críticas pós-modernistas (tais como a LAC) da LA são (...) sedutoras (...), mas não se pode permitir que predominem de modo irresponsável” (DAVIES 1999: 142, *apud* PENNYCOOK 2006: 68)<sup>4</sup>; enquanto o segundo teria dito que necessitamos de “uma LA crítica, e não de uma LA hipócrita, para nos guiar em direção ao futuro” (WIDDOWSON 2001: 16, *apud* PENNYCOOK 2006: 68)<sup>5</sup>. É claro que Pennycook ‘virou a mesa’, para valer-me de suas palavras, acusando a LA “tradicional” de ser “hipócrita por sua inabilidade ou má vontade de dar conta de questões significativas atuais” (PENNYCOOK 2006: 68).

Como se vê, em trinta anos, a LA no Brasil viveu mudanças bastante visíveis, das quais não participamos diretamente, pois as pesquisas em língua espanhola tiveram outro percurso, mais focado na Linguística e na Análise do Discurso. Não são fartas as pesquisas em Ensino e Aprendizagem e só muito recentemente começamos a nos ocupar da formação de professores. E é o que veremos adiante.

## 2. Pesquisas em Língua Espanhola

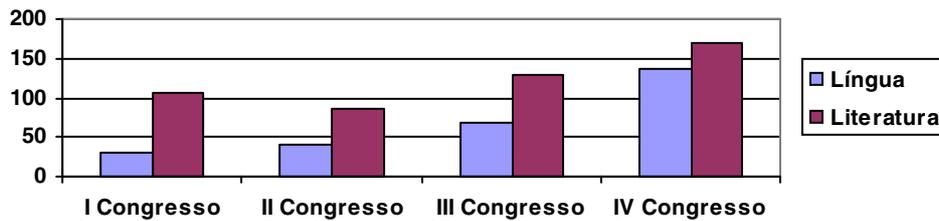
Um estudo realizado por Soto, em 2004, sobre a investigação em língua espanhola produzida em Programas de Pós-graduação no Brasil revelou um quadro, até então desequilibrado, entre as duas grandes áreas de pesquisa: estudos linguísticos e estudos literários. Segundo a autora, a primeira tese produzida no Brasil no campo linguístico é de 1967, e seu autor, Manoel Dias Martins, trabalhou com aspectos fonético-fonológicos no sistema vocálico do espanhol em contraste com o português. Entre 1967 e 2003, ano limite da pesquisa realizada pela autora, apenas nos anos 1990 cresce o número de teses em língua espanhola, graças à criação do MERCOSUL.

E é por isso que a primeira tese importante na área de língua espanhola, defendida no Brasil, é de 1994, e sua autora é a conhecidíssima, Neide Therezinha Maia González, da Universidade de São Paulo, intitulada: “*Cadê o pronome? O gato comeu*” *Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos*. No entanto, como comprovou a tese de doutorado de Maria Paz Pizarro (2010), já se pode visualizar que a distância entre as pesquisas no âmbito da literatura e da língua é cada vez menor, como se vê no seguinte quadro:

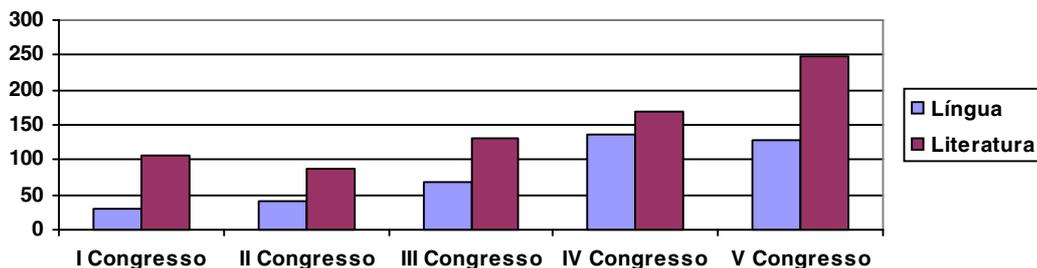
---

4 Refere a: DAVIES, A. (1999). *Na Introduction to Applied Linguistics: from Theory to Practice*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

5 Refere-se a: WIDDOWSON, H.G. (2001). *Coming to Terms With Reality: Applied Linguistics in Perspective*, in: Graddol, D. (Org.). *Applied Linguistic for the 21<sup>st</sup> Century*. *AILA Review*, 14, 2-17.



A autora tomou como referência as publicações das Atas dos Congressos da Associação Brasileira de Hispanistas (ABH), realizados em 2000, 2002, 2004 e 2006, já que o congresso de 2008 ainda não havia divulgado sua publicação. Em 2000, das 106 comunicações, 103 eram de literatura e 30 de língua, correspondendo a 78% e 22%; em 2002, das 128 comunicações, 87 eram de literatura e 41 de língua, correspondendo a 68% e 32%; em 2004, das 198 comunicações, 130 eram de literatura e 68 de língua, correspondendo a 66% e 34%; em 2006, das 306 comunicações, 170 eram de literatura e 136 de língua, correspondendo a 56% e 44%.



Agora já se sabe que o Congresso, de 2008, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), publicou 376 comunicações, sendo 248 de literatura e 128 de língua, correspondendo a 66% e 34%, respectivamente. A perspectiva otimista de Maria Paz Pizarro, e também a minha, não se concretizou, mas quero crer que isso se deva ao perfil da UFMG, onde não há professores de língua espanhola no Programa de Pós-graduação, produzindo-se, portanto, dissertações e teses, apenas, em literaturas. Além disso, dos sete professores de espanhol daquela universidade, cinco são de literatura e dois de língua. Estará aí, possivelmente, uma explicação para o retrocesso no equilíbrio das duas áreas. Observe-se que o congresso, de 2006, realizado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro e organizado por duas pesquisadoras da área de estudos linguísticos, e numa universidade onde os estudos literários ainda não ganharam visibilidade na pós-graduação, foi o que mais se aproximou quanto ao equilíbrio entre as áreas.

---

Por fim, o congresso realizado, em 2010, na Universidade Federal de Mato Grosso, não servirá como parâmetro, lamentavelmente, porque sabemos que a ABH passou por problemas de ordem administrativa, o que prejudicou a realização de seu congresso, desmotivando a participação de muitos pesquisadores hispanistas.

No intuito de atualizar nossa pesquisa na área dos estudos de linguagem, incluindo-se a linguística aplicada relativa ao ensino-aprendizagem de espanhol e à formação de professores, fiz um levantamento das últimas dissertações e teses defendidas no Brasil, sem ter a pretensão de esgotá-las. É bem verdade que adoraria ter tido acesso a toda produção, pois venho falando, insistentemente, que permitir acesso à pesquisa realizada no Brasil pode ser a arma mais poderosa na incansável luta contra os que procuram desmerecer nosso trabalho e enaltecer as propostas ‘estrangeiras’. E esse levantamento que fiz confirmou que os rumos estão mudando, e para melhor.

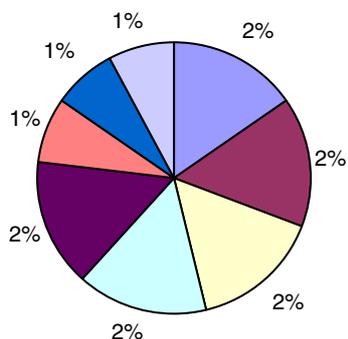
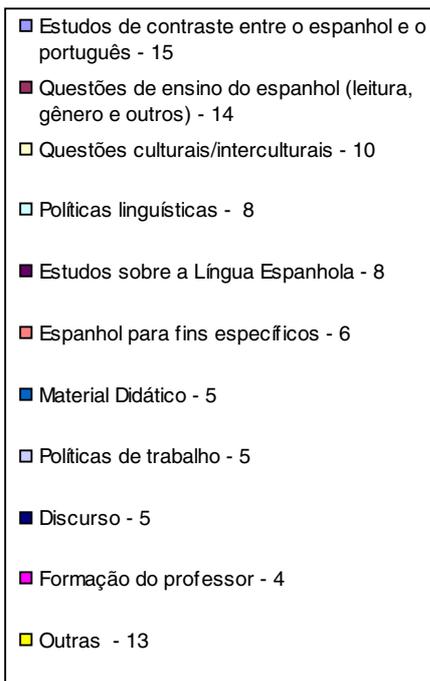
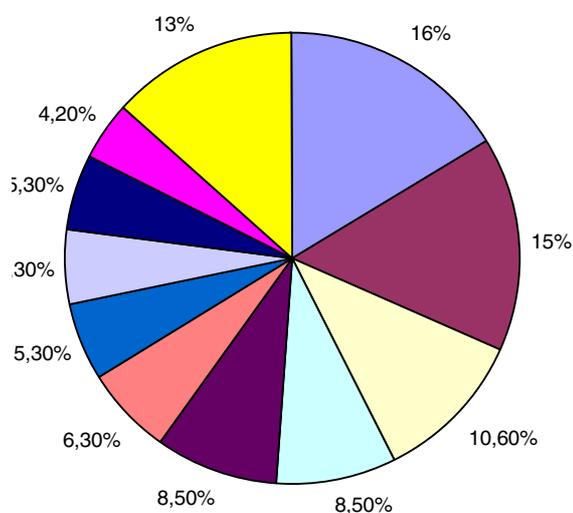
O trabalho de Soto (2004) nos mostrou que até 2003, entre as pesquisas de estudos de linguagem, predominaram as de descrição linguística, mas hoje são frequentes os trabalhos que procuram compreender a “singular”<sup>6</sup> diferença que há entre o espanhol e o português, seja em estudos linguísticos, discursivos ou culturais. Afinal, ainda persiste a falsa crença da língua ‘fácil’, determinando que este seja um tema sempre urgente em nossas investigações. No meu ponto de vista, a descrição da língua espanhola, fora do contraste com o português, ou fora do contexto de aprendizagem, não é a forma como mais podemos colaborar como pesquisadores brasileiros. Contribuímos mais, quando emprestamos nossos olhares para ver essa língua em contraste ou em processo de aprendizagem por brasileiros, ressaltando as muitas interferências, as dificuldades e as particularidades que resultam da ‘singular proximidade’ entre as duas línguas. Afinal, se somos especialistas em espanhol como língua estrangeira, podemos contribuir com pesquisas que a expliquem como sendo outra língua, que não é a materna e nem é uma segunda língua.

Através de um levantamento informal, mas apoiada pelos dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)<sup>7</sup>, recuperei 94 pesquisas realizadas entre 2004 e início de 2011, valendo-me da palavra ‘espanhol’. Entre essas, procurei verificar a frequência de temas, considerando algumas categorias que me interessam para estas reflexões. E o resultado foi o seguinte:

---

6 Valho-me do adjetivo utilizado por Maria Teresa Celada, na sua tese de doutorado, defendida na UNICAMP, em 2002.

7 Dados recolhidos em <http://bdtd.ibict.br/pt/pesquisa-avana-mainmenu-39.html>, acessado em junho de 2011.



1.	Estudos de contraste entre o espanhol e o português:	15	(16.0%)
2.	Questões de ensino do espanhol (leitura, gênero e outros):	14	(15.0%)
3.	Questões culturais ou interculturais:	10	(10.6%)
4.	Políticas linguísticas:	08	(08.5%)
5.	Estudos sobre a Língua Espanhola:	08	(08.5%)
6.	Espanhol para fins específicos:	06	(06.3%)
7.	Material Didático:	05	(05.3%)
8.	Políticas de trabalho:	05	(05.3%)
9.	Discurso:	05	(05.3%)
10.	Formação do professor:	04	(04.2%)

11. Outras:		
a. Dicionário	(2)	(2.0%)
b. Novas Tecnologias	(2)	(2.0%)
c. Ensino a Distância	(2)	(2.0%)
d. Competência Comunicativa	(2)	(2.0%)
e. Crenças	(2)	(2.0%)
f. Tradução	(1)	(1.0%)
g. Avaliação	(1)	(1.0%)
h. Afetividade	(1)	(1.0%)

Confirma-se, portanto, que nossos principais interesses estão respaldados pelas pesquisas que estamos produzindo em diferentes Programas de Pós-graduação de nosso país. A maior frequência está na produção de pesquisas que põem em contraste a língua portuguesa e a espanhola, trabalhando-se com particularidades de ordem gramatical, discursiva, fonética ou lexical. A segunda preocupação está no ensino, com trabalhos que procuram entender o lugar da leitura ou dos gêneros textuais em contexto de aprendizagem. E se quiséssemos considerar que as questões culturais ou interculturais, além da produção ou análise de material didático, se constituem em pesquisas relativas ao ensino de espanhol no Brasil, então o índice dessa categoria crescerá bastante. Mas mesmo pulverizado, esse quadro revela que estamos produzindo muitas pesquisas que se voltam para as questões do ensino/aprendizagem de espanhol como língua estrangeira no Brasil. E como falava anteriormente, entendo que esta é a maneira como melhor podemos contribuir, pois temos competências e experiências suficientes para produzir discursos que revelem as particularidades, resultantes do confronto entre nossas línguas e culturas.

A origem dessas 94 dissertações e teses é bastante variada, pois são oriundas de Programas de Pós-graduação consolidados na área de espanhol, conforme é o caso da Universidade de São Paulo (USP); da Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); da Federal Fluminense (UFF); da Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade de Brasília (UnB), responsáveis pela maioria das pesquisas a que tive acesso. Mas encontrei, também, pesquisas realizadas nas Universidades Católicas de São Paulo, do Rio Grande do Sul e de Pelotas; nas Estaduais de Campinas; de Londrina e de São Paulo; e nas Federais de Uberlândia; do Ceará; da Bahia; de Goiás; de São Carlos; de Mato Grosso do Sul e de Sergipe. Se compararmos este cenário com o que se tinha nos anos 1980 ou mesmo em 1990, precisamos reconhecer que crescemos bastante e cresceremos muito mais. Meu levantamento está longe de ser o real retrato do que se faz, hoje, em pesquisas na área de espanhol no Brasil, mas espero, confiantemente, que a partir de 2012, quando acontecerá o VII Congresso da Associação Brasileira de Hispanistas na Universidade Federal da Bahia, em Salvador, possamos conhecer melhor nossa produção crítica.

Mas, voltando às temáticas das pesquisas que tomei como base, muitas delas poderiam estar associadas à LA, pois como vimos, esta disciplina científica atinge um espectro variado de objetos que são de sua competência. Lembremo-nos que para os linguistas aplicados, como Almeida Filho, o objeto da LA “é o problema real de uso de linguagem colocado na prática dentro ou fora do contexto escolar” (ALMEIDA FILHO 1991: 7). Portanto, segundo essa compreensão, todas as pesquisas que colaboram para o ensino de espanhol, no que tange a procedimentos adequados, seja na seleção ou produção de materiais didáticos; na interação entre alunos e professores; na definição de estratégias para a compreensão e produção de textos; na vinculação com as políticas públicas da educação básica; na efetivação de um ensino que tenha fins específicos; ou na formação de professores, todas são pesquisas próprias à LA.

Mas se ainda quisermos expandir esse conceito, desenvolvendo pesquisas com elementos, que levem em consideração “o gênero, a raça e outras relações de poder, bem como a concepção de sujeito como sendo múltiplo e formado dentro de diferentes discursos”, conforme sugere Pennycook (1998: 47), então o espectro da LA será ainda maior. Esta proposta implica na realização de pesquisas que procurem entender as variadíssimas identidades sociais e culturais que constituem os múltiplos sujeitos que falam a língua espanhola. E se somarmos a isso, as muitas manifestações discursivas e culturais, expressadas por esses sujeitos e que, ao mesmo tempo, os expressam, o leque de possibilidades será infinito.

Hoje, estou apostando em pesquisas que partem da concepção de uma LA crítica, conforme acabamos de ver, mas que se ocupem, mais particularmente, das relações interculturais entre nossas línguas-culturas. E como exemplo de autores que estão trabalhando com esta linha, no Brasil, trago as propostas de Kátia Mota, da Universidade Estadual da Bahia, adepta à Pedagogia Crítica, que tem bases em Paulo Freire. A autora ressalta a importância de práticas e discursos que redimensionem o papel da escola, onde professores se aproximem “de um comprometimento com a transformação social, tornando-se um educador intelectual, um agente de mudança, engajado na desconstrução de estereótipos e na promoção da tolerância das diferenças” (MOTA 2004: 49). Como se percebe, Mota desenvolve sua pesquisa na formação de professores, sobretudo o de línguas, colocando seu foco na escola.

Outra autora, que está contribuindo, significativamente, para essa discussão é Edleise Mendes, da Universidade Federal da Bahia, que está atenta à inclusão da cultura na aprendizagem de línguas, mas na perspectiva intercultural. Para a autora,

Somente a partir de uma postura que promova o verdadeiro diálogo, a troca entre sujeitos-mundos diferentes, entre línguas-culturas diferentes, é possí-

vel derrubar muitas barreiras que, por vezes, se interpõem nos processos de ensinar e aprender línguas (MENDES 2007: 138).

E, é claro, que estou de acordo com essa concepção da LA, pois entendo que, como professores ou formadores de professores, devemos trabalhar em prol da compreensão das linguagens. Se, em última instância, ser uma linguista aplicada implica no meu envolvimento com as linguagens em uso, preciso compreender o que dizem e o que se diz dos usuários dessas duas línguas que são o meu foco de atenção, o português e o espanhol. Mas, sobretudo, preciso levar meu aluno e, por extensão, o aluno de meu aluno, a valer-se das linguagens, em espanhol, para propiciar a compreensão entre as pessoas.

Esta é a LA na qual acredito: uma disciplina que compreende as linguagens em uso e que está atenta às diferenças e às semelhanças que nos constituem como sujeitos complexos e contraditórios, mas, suficientemente, mutantes para trabalhar por um mundo melhor, onde haja mais equilíbrio no uso e na compreensão das linguagens, seja dentro ou fora do contexto escolar. Convido os que ainda não se definiram por uma área de pesquisa a juntar-se a mim.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA FILHO, J.C.P. de. Maneiras de Compreender Lingüística Aplicada. *Revista Letras*, n. 2, Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, p. 7-14, 1991.

ALMEIDA FILHO, J.C.P. O ensino de línguas no Brasil de 1978. E agora? *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v. 1, n. 1, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, p. 15-29, 2001.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais*. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Secretaria de Educação Básica. Brasília, MEC, 1998.

CELANI, M.A.A. A Relevância da Lingüística Aplicada na Formulação de uma Política Educacional Brasileira. In: FORTKAMP; TOMITCH (Orgs.). *Aspectos da Lingüística Aplicada*. Estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn. Florianópolis: Insular, 2000, p. 17-32.

FORTKAMP, M.B.C.; TOMITCH, L.M.B. (Orgs.). *Aspectos da Lingüística Aplicada*. Estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn. Florianópolis: Insular, 2000.

MENDES, E. A perspectiva intercultural no ensino de línguas: uma relação “entre-culturas”. In: ALVAREZ, M.L.O.; SILVA, K.A. da (Orgs.). *Lingüística Aplicada: múltiplos olhares*. Campinas: Pontes, 2007, p. 119-139.

MOITA LOPES, L.P. da (Org.). *Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, L.P. da *Oficina de lingüística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

MOTA, K.M.S. Incluindo diferenças, resgatando o coletivo – novas perspectivas multiculturais no ensino de línguas estrangeiras. In: MOTA, K.; SCHEYERL, D. (Orgs.). *Recortes Interculturais na Sala de Aula de Línguas Estrangeiras*. Salvador: EDUFBA, 2004, p. 35-60.

PARAQUETT, M. Lingüística Aplicada, inclusión social y aprendizaje de español en contexto latinoamericano. *Revista Nebrija de Lingüística Aplicada*, n. 6 (3), p. 1-23, 2009a. Disponível em: <<http://www.nebrija.com/revista-linguistica/>>.

\_\_\_\_\_. O papel que cumprimos os professores de espanhol como língua estrangeira (E/LE) no Brasil. *Cadernos de Letras da UFF*. Dossiê – Diálogos Interamericanos. Instituto de Letras da UFF, n. 38, p. 123-138, Niterói/RJ, 2009b.

PENNYCOOK, A. A lingüística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (Orgs.). *Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado das Letras, 1998, p. 23-49.

\_\_\_\_\_. Uma lingüística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L.P. da (Org.). *Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 67-84.

SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (Orgs.). *Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.